

UM MUSEU MAIS “VIVO”: O QUE DESEJAM VISITANTES DO MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DO PARANÁ

(Modalidade de Trabalho: Apresentação Oral)

De modo a contribuir para a obtenção de conhecimento sistemático sobre as formas como o patrimônio cultural é comunicado no Museu de Arte Contemporânea do Paraná (MAC-PR), este artigo apresenta uma análise realizada sobre os registros escritos deixados por visitantes em um instrumento utilizado pelos funcionários da instituição como meio de comunicação com sua audiência, o Caderno de Sugestões. O MAC-PR está sediado em uma edificação de estilo eclético situada à Rua Desembargador Westphalen, nº 16, no centro de Curitiba, tombada como patrimônio histórico da cidade desde 1977. O acervo do museu possui cerca de 1.550 obras, estando entre elas pinturas, desenhos, gravuras, esculturas, fotografias, objetos, tapeçarias, colagens, instalações e vídeos, obras representativas da arte moderna e contemporânea do Paraná.

Para melhor compreensão do nosso objeto de pesquisa, faz-se necessário traçar o contexto do surgimento do MAC-PR, o qual foi criado em 1970. Ao longo desta década, é consolidada a modernização da arte no estado, em face da realidade artística internacional, uma vez que há a mudança frente ao passado figurativo e a inserção de uma nova estética, a abstrata. Essa transformação completou-se devido a alguns fatores: primeiro, pela atuação de gerações anteriores (nos anos 1940 pelo movimento da Revista Joaquim e pelas gerações dos anos 1950 e 1960, defensoras de um movimento de renovação das artes) e, segundo, pelo aprimoramento dos meios de comunicação, decorrente do processo de industrialização do estado, que permitiam um contato maior com o mundo e, logo, com as grandes tendências nacionais e mundiais (BINI, 1986, 1998; FREITAS, 2003). De acordo com o ideário de modernidade em voga à época no Estado, o primeiro diretor do MAC-PR, Fernando Velloso, segundo o que indica o Catálogo Geral do Acervo do museu (2009),

imprimiu um estilo de atuação em concordância com as tendências museológicas mais atualizadas da época. Teve por parâmetro a orientação do “museu vivo”, entendido não apenas como depositário e expositor de obras de arte, mas atuante no sentido de estimular e divulgar a produção artística contemporânea. (p. 15)

Partindo do contexto exposto acima, objetivamos neste trabalho depreender a percepção de uma fração do público desse museu (aquela que deixou registros escritos no Caderno) sobre as formas como o patrimônio cultural lhes é apresentado neste espaço museal atualmente, bem como quais sugestões indicariam para mudanças. Para tal, utilizamos como metodologia a categorização dos comentários por seus conteúdos. No momento do estudo, o Caderno de Sugestões possuía 27 comentários, datados entre 3 de março de 2011 e 25 de maio de 2012. A divisão resultou nos seguintes temas: 1) Sentimentos despertados pela exposição; 2) Sentimentos despertados pelo prédio; 3) Crítica às exposições; 4) Sugestão de tema para artista/exposição; 5) Recado para artista; 6) Sugestão de mudança na estrutura do museu; 7) Elogio; 8) Solicitação de aumento da divulgação. Destes, delimitamos como recorte de análise o item 6, com sugestões de mudança na estrutura do museu, tendo em vista sua maior frequência no caderno.

Como “estrutura do museu” compreendemos tudo aquilo que diz respeito a seus aspectos físico e organizacional, os quais podem causar impacto na experiência do visitante dentro do espaço do museu. Trata-se de questões museográficas, tendo em vista a definição do dicionário *Conceptos Claves de Museología* para o termo museografia: “figura prática ou aplicada da museologia, ou seja, o conjunto de técnicas desenvolvidas para levar a cabo as funções museais e particularmente as que concernem ao acondicionamento do museu, à

conservação, à restauração, à segurança e à exposição” (DESVALLÉS; MAIRESSE, 2010, p. 55, tradução nossa). São apontadas pelos visitantes, entre outras coisas, as seguintes sugestões: serviço de mediação contínuo, com clareza nas explicações, tanto com pessoal quanto com material impresso; possibilidade de tocar as obras; melhor iluminação; padronização da altura das etiquetas, deixando-as na altura dos olhos; música ambiente para “quebrar o gelo”; e elevador para acesso a deficientes físicos.

Entendemos que, embora trate-se de questões ligadas a aspectos mais tangíveis da instituição, elas dizem respeito ao conceito de museu que perpassa as práticas do MAC-PR, bem como a compreensão dos visitantes sobre o que é e como deve ser um museu. Uma das frases escritas por um visitante sintetiza o que consideramos um anseio de mudança em relação a essas práticas, uma vez que sugere que o espaço seja “mais movimentado e ‘vivo’”. Essas reflexões nos encaminharam à discussão sobre o museu como *fenômeno*, conceito debatido no âmbito da teoria museológica e que norteará nossa pesquisa, o qual entende o museu como um espaço ligado à vida, dinâmico, que se adapta à sociedade que lhe é contemporânea. Realizaremos tal debate à luz das problemáticas e sugestões levantadas na Mesa Redonda de Santiago do Chile (1972), que gerou um fértil debate sobre a função dos museus, e no que a museóloga Tereza Scheiner (2007; 1999) apresenta a respeito de concebermos o museu como um fenômeno.

Os primeiros estudos teóricos do campo da museologia se desenvolveram subordinados ao conceito de museu tradicional, mas essa ideia começou a se alargar a partir da Mesa de Santiago do Chile, em 1972, momento em que se iniciou a adotar uma visão mais holística e defender-se o conceito de museu integral – este seria o museu “que leva em consideração a totalidade dos problemas da sociedade” (VARINE, 2010, p. 40). Este será o contexto de início dos trabalhos do Comitê Internacional para a Museologia (ICOFOM), com o qual se desenvolverá também a corrente de pensamento liderada por Stránsky, para quem o museu é um fenômeno. O autor conceituará a museologia como “a ciência que estuda a relação específica entre o homem e a realidade” (SCHEINER, 2007, p. 151) e dirá que seu objeto de estudo é a musealidade, aspecto específico da realidade.

Considerar o museu como um fenômeno implica em entendê-lo para além da instituição e do modelo tradicional ortodoxo: ele poderá ser também “um laboratório, uma experiência, um instrumento para as comunidades; ele pode se desenvolver em avanço, em um movimento contínuo [...]” (SCHEINER, 2007, p. 154, tradução nossa). Ele será assim identificável através “de uma relação bastante específica entre o humano, o tempo, o espaço e a memória”, relação esta nomeada como musealidade (Ibid., p. 161, tradução nossa). Inexistirá, dessa maneira, uma forma “ideal” de museu, pois ele tomará sua forma possível dependendo de cada sociedade em que estiver presente, recebendo influência de seus valores e de suas representações (Id., 1999).

Assim, à guisa de conclusão, pretendemos compreender de que forma as demandas impressas pelo público no Caderno de Sugestões dialogam com a intenção inicial do museu, manifestada pelo comentário a respeito de seu primeiro diretor, bem como de que maneira esses desejos se aproximam do discutido na teoria museológica sobre os museus poderem ser mais do que instituições tradicionais ortodoxas. Finalmente, esta reflexão pretende pensar este museu à luz das discussões propostas pela Mesa Redonda de Santiago do Chile, a qual, conforme as palavras de Mário Chagas (2012) em recente preleção a respeito, deve ser entendida como “potência transformadora”, uma vez que sugere o museu como uma instituição de ação. A Mesa completa este ano 40 anos e o museu estudado 42; trata-se, desta forma, de um momento propício para se (re)discutir quais são as potencialidades de ambos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BINI, Fernando. O Paraná tradicional. In: **Tradição/Contradição**. Catálogo de Exposição. MAC: Curitiba, 1986.

_____. **Arte paranaense**: movimento de renovação. Curitiba: Galeria da Caixa Econômica Federal, 06 a 30 nov. 1998. Catálogo de exposição.

CHAGAS, Mario. **Temos potência para a necessária indignação museal?** Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=E9uFkAF54vQ>>. Acesso em: 13 jul. 2012.

DESVALLÉS, André; MAIRESSE, François (Ed.). **Conceptos Claves de Museología**. Paris: Armand Colin, 2010. Disponível em: <<http://icom.museum/professional-standards/key-concepts-of-museology/>>. Acesso em: 18 jun. 2012.

FREITAS, Artur. **A consolidação do moderno na história da arte do Paraná**: anos 50 e 60. Revista de História Regional 8(2): 87- 124, 2003.

MUSEU de Arte Contemporânea do Paraná. **Catálogo geral do acervo do Museu de Arte Contemporânea do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 2009.

SCHEINER, Tereza. As bases ontológicas do Museu e da Museologia. **ICOFOM Study Series**, Munich, nº 31, p. 103-173, 1999.

_____. Musée et Muséologie – définitions en cours. In: MAIRESSE, François; DESVALLEES, André (Orgs.). **Vers une Redéfinition du Musée?** Paris: L'Harmattan, 2007. p. 147-165.

VARINE, Hugues de. Apresentação (1995). In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (Coord.). **O ICOM-Brasil e o Pensamento Museológico Brasileiro**: documentos selecionados. São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado da Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010. p. 38-42.